



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA –
PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CRISTINEY DE JESUS CORREA E CORREA

**DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DAS
TURMAS 1º, 2º E 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA DOM
ÂNGELO FROSI, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA - PARÁ**

CRISTINEY DE JESUS CORREA E CORREA

**DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DAS
TURMAS 1º, 2º E 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA DOM
ÂNGELO FROSI, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA - PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Federal do Pará, como requisito
para a obtenção do Grau de
Licenciado Pleno em Pedagogia,
sob a orientação do Prof.Mes.
Petronio Medeiros Lima Filho.

Abaetetuba - PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C824d Correa, Cristiney de Jesus Correa E.
 Dificuldades de alfabetização enfrentadas pelos alunos das
 turmas 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental da escola Dom
 Ângelo Frosi, município de Abaetetuba-Pará / Cristiney de Jesus
 Correa E Correa. — 2018.
 53 f. : il.

 Orientador(a): Prof. Me. Petronio Medeiros Lima Filho
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

 1. Letramento. 2. Prática pedagógica. 3. Ensino -
 Aprendizagem. 4. Dificuldades. I. Título.

CDD 370

CRISTINEY DE JESUS CORREA E CORREA

**DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DAS
TURMAS 1º, 2º E 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA DOM
ÂNGELO FROSI, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA - PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Federal do Pará, como requisito
para a obtenção do Grau de
Licenciado Pleno em Pedagogia,
sob a orientação do Prof.Mes.
Petronio Medeiros Lima Filho.

BANCA EXAMINADORA:

Profº. Ms. Petronio Medeiros Lima Filho – UFPA
(Orientador)

Profª. Ms. Marcilene Calandrine de Avelar – UFPA
(Membro)

Profª. Ms. Thaís Pinheiro Abreu Vasconcelos – UFPA
(Membro)

Abaetetuba - PA
2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, ao meu avô Célio Araújo (in memória), aos meus pais Manoel Pedro e Selma Cristina, a minha esposa Jocicleide baia e ao meu filho Renato de Jesus, por serem pessoas de extrema importância em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pai bondoso que me concedeu o dom da vida, e me permitiu realizar este sonho.

A nossa senhora de Lourdes padroeira da minha comunidade, a qual tenho muita devoção e fé.

Aos meus pais, Manoel Pedro e Selma Cristina, por me incentivarem, e pelo suporte que os mesmos me propiciaram na minha caminhada educacional.

A minha esposa Jocicleide baia e meu filho Renato de Jesus, pela força e compreensão durante a minha trajetória.

A todos os meus amigos de turma, mas em especial aos meus colegas de trabalho em grupo (grupo superação), que foram verdadeiros amigos.

Ao meu professor e orientador Petrônio Medeiros, pela paciência e compreensão.

A todos os meus professores que contribuíram para a minha formação, e a todos que fazem parte do campus de Abaetetuba.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as dificuldades de alfabetização enfrentadas pelos alunos das turmas 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental da escola Dom Ângelo Frosi, abordando reflexões acerca da alfabetização e o letramento como processos indispensáveis para as crianças e também refletindo sobre o fazer pedagógico no espaço escolar. Este estudo é resultado de pesquisa realizada em uma escola pública municipal, localizada no rio Tucumanduba, ilhas do município de Abaetetuba-Pará. A escola atende alunos da educação infantil e ensino fundamental, distribuídos nos turnos de manhã, tarde e noite. O estudo é fruto de uma abordagem qualitativa, sendo que se realizaram pesquisas bibliográficas e de campo com observação participante e sujeita a reflexões crítica, fazendo a aproximação da referencia teórica com a análise que permite compreender as relevantes questões que envolvem o aprendizado dos estudantes. Participaram da pesquisa professores que atuam no ensino fundamental menor 1º, 2º e 3º anos, alunos dessas respectivas turmas e pais desses respectivos alunos. Os participantes dessa pesquisa contribuíram decisivamente para o desenvolvimento deste estudo e permitiram apontar as principais dificuldades dos discentes no processo de alfabetização e letramento.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização, letramento, prática pedagógica, ensino-aprendizagem, dificuldades.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand the difficulties of literacy faced by the students of the 1st, 2nd and 3rd years of elementary school at the Dom Ângelo Frosi School, addressing reflections about literacy and literacy as indispensable processes for children and also reflecting on the pedagogical doing in the school space. This study is the result of research carried out in a municipal public school, located in the Tucumanduba River, islands of the municipality of Abaetetuba-Pará. The school serves elementary and junior high school students, distributed in the morning, afternoon and evening shifts. The study is the result of a qualitative approach, being that bibliographical and field researches were carried out with participant observation and subject to critical reflections, approaching the theoretical reference with the analysis that allows to understand the relevant questions that involve the students learning. Participants in the research were teachers who work in minor elementary education, 1st, 2nd and 3rd years, students of these respective groups and parents of these respective students. The participants of this research contributed decisively to the development of this study and allowed to point out the main difficulties of the students in the process of literacy and literacy.

KEY WORDS: literacy, literacy, pedagogical practice, teaching-learning, difficulties.

LISTA DE FIGURAS/ILUSTRAÇÕES

FOTO 1- LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA DOM ÂNGELO FROSI.

FOTO 2- ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA DOM ÂNGELO FROSI.

FOTO 3- EXTRAÇÃO DO AÇAÍ.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- QUAL É A SUA FORMAÇÃO?

TABELA 2- PORQUE VOCÊ ESCOLHEU SER PROFESSOR?

TABELA 3- QUAL SEU TEMPO DE DOCÊNCIA?

TABELA 4- VOCÊ JÁ FEZ ALGUM CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL? QUAL? COMO AJUDOU NO SEU TRABALHO PEDAGÓGICO?

TABELA 5- EXISTE ALGUMA DIFICULDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO, QUE DIFICULTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

TABELA 6- VOCÊ GOSTA DA AULA DO SEU PROFESSOR (A)? POR QUÊ?

TABELA 7- FALE SOBRE SEU PROFESSOR (A)?

TABELA 8- QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS ALUNOS?

TABELA 9- VOCÊ TEM DIFICULDADE PARA SE ALFABETIZAR? POR QUÊ?

TABELA 10- VOCÊS PAIS ENSINAM SEUS FILHOS EM CASA, FAZENDO O ACOMPANHAMENTO FAMILIAR? POR QUÊ?

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA- EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

LDB- LEI DE DIRETIRZES E BASES.

HP- HORA PEDAGÓGICA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1 – O que é alfabetização?	14
1.2- Os métodos de alfabetização.	15
1-3 O método das cartilhas.	16
1.4 – O que é letramento?	17
1.5 – Práticas de letramento.	19
1.6 - Alfabetização e letramento: processos indissociáveis.	19
1.7 – Escola do campo.	20
1.8- prática pedagógica.	23
CAPITULO 2 – METODOLOGIA	25
CAPITULO 3 – ANÁLISES E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.	27
3.1- o ambiente da pesquisa.	27
3.2- DIFICULDADES ENFRENTADAS.	30
3.3-RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO.....	33
3.4- DIFICULDADES DIAGNOSTICADAS.....	37
3.5-FALTA DE ACOMPANHAMENTO DOS PAIS;	38
3.6 - MÁ ALIMENTAÇÃO.	42
3.7- PERÍODO DE SAFRA DO AÇAÍ.	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Esse estudo objetiva identificar e analisar quais as dificuldades de alfabetização e letramento enfrentadas pelos alunos das turmas 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental, da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dom Ângelo Frosi.

O projeto intitulado **“dificuldades de alfabetização enfrentadas pelos alunos das turmas 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental da escola Dom Ângelo Frosi, município de Abaetetuba –Pará”** se originou devido à observação de que os estudantes da referida escola chegavam ao 4º ano do ensino fundamental com dificuldades relacionadas à alfabetização.

Quando tratamos de alfabetização é preciso entender que a mesma é um processo que se inicia muito antes do ingresso das crianças na escola, onde é submetida a mecanismos informais de aprendizagem da leitura e escrita. A alfabetização é entendida como processo onde se adquire o domínio de um sistema linguístico e das habilidades de utilizá-los para ler e escrever, ou seja, o domínio das ferramentas e o conjunto de técnicas necessárias para exercer a arte e a ciência da escrita e da leitura. Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita o letramento se preocupa com a função social do ler e do escrever.

Segundo (SOARES, 2000; TFOUNI, 1988) um indivíduo letrado não é somente aquele que sabe ler e escrever, mas sim o que apresenta um aspecto sócio-histórico, utiliza práticas sociais de leitura.

O profissional da educação que leciona no ensino fundamental precisa estar atento à distinção entre alfabetização e letramento, precisa saber enfatizá-los, é necessário alfabetizar o aluno com um conhecimento sistematizado, é importante também letrar esse indivíduo, para que o mesmo possa aprender "a ler o mundo".

A LDB, seção do ensino fundamental, diz que o mesmo é obrigatório e gratuito na escola pública, com duração de 9 (nove) anos, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade e tem como objetivo a formação básica do cidadão, onde são desenvolvidos a capacidade de aprender, os meios básicos, o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Ao longo dos anos em que lecionei na referida escola pude perceber que existe uma dificuldade muito grande na alfabetização e letramento dos estudantes, de maneira que estes alunos chegam ao 4º ano do ensino fundamental com dificuldades no desenvolvimento destas habilidades, por isso se faz necessário compreender os principais problemas enfrentados no processo pedagógico entre alunos e professores, e para isso é preciso pesquisar quais as

dificuldades enfrentadas pelos alunos para se alfabetizar e letrar. Assim a problemática que motivou esta pesquisa é:

Quais as dificuldades enfrentadas pelos discentes das turmas 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental da escola Dom Ângelo Frosi no processo de alfabetização e letramento?

O trabalho está dividido em três capítulos, no primeiro apresentamos ideias de autores que discutem o processo de alfabetização e letramento no fundamental menor.

No segundo capítulo apresentamos o universo da pesquisa e a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho, evidenciando como ocorreu a coleta de dados e como ela foi utilizada.

No terceiro capítulo apresentamos a pesquisa propriamente com a análise dos dados obtidos e os diálogos com as ideias dos autores discutidos no primeiro capítulo.

Na última parte apresentaremos as considerações finais.

CAPITULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 – O que é alfabetização?

Historicamente o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizagem da “tecnologia da escrita”, quer dizer do sistema alfabético de escrita e da leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em “sons”, e na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos.

A alfabetização baseia-se na junção de sílabas simples, mecanização, memorização, codificação e cópias. Alfabetizar é a ação de tornar “alfabeto”, de se adquirir um conhecimento sistematizado, tem o objetivo de ensinar a ler e escrever de uma forma mecânica. O indivíduo alfabetizado é aquele que tem o pleno domínio da leitura e da escrita. CAGLIARI demonstra que:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de conhecimento emocional, de como vem envolvendo a sua interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma produtiva o processo de aprendizagem (CAGLIARI, 1998, pág. 89).

Assim revela-se a importância do professor como mediador do conhecimento, aquele que auxilia o discente no conhecimento da escrita e da leitura, sendo o facilitador no processo de alfabetização do aluno. Para SOARES (2004, pág. 09).

“A alfabetização caracterizava-se, ao contrário, por sua excessiva especialidade, entendendo-se por “excessiva especificidade” a autonomização das relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico em relação às demais aprendizagens ou comportamentos na área da leitura e da escrita”. (SOARES, 2004 pag. 9).

Nesse sentido a alfabetização é entendida como um processo em que, se deve ter o pleno domínio da escrita e da leitura, necessariamente um indivíduo alfabetizado tem que se apropriar do sistema fonológico e gráfico. A escola tem um papel fundamental no processo de alfabetização do discente. Em seu artigo “letramento e escolarização”, SOARES (2003b) define alfabetização.

(...) tomando-se a palavra em seu sentido próprio como o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas-procedimentos, habilidades-necessárias para a prática da leitura e da escrita às habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico); (...) habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha, corretivo, régua, de equipamentos como máquina de escrever, computador...), habilidades de escrever e ler seguindo a direção correta na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita), habilidades de manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê livro, revista, jornal, papel sob diferentes apresentações e tamanhos (folha de bloco, de almoço, caderno, cartaz,

tela de computador...). Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciências da escrita. (SOARES, 2003b pág. 80)

Na alfabetização existem aspectos específicos que não podem ser abandonados. Dentro da sala de aula o alfabetizador precisa trabalhar com atividades construtivistas, assim a alfabetização não pode ser esquecida e nem deixada para segundo plano, pois através da mesma o discente terá o domínio da base alfabética e a compreensão do sistema de escrita. Alfabetizar significa ensinar a técnica do ler e escrever.

Para Emília Ferreiro (1993, p.25), “as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, por meio de contextos sociais e funcionais, que a escrita é um objeto interessante que se merece ser conhecido”. Assim o importante no alfabetizar é mostrar a importância da escrita no cotidiano, quando a criança descobre que a escrita é importante no seu dia a dia, o processo de alfabetização para aquele discente se realiza facilmente.

Ainda de acordo com Emília Ferreiro (2003, p.32) em relação à alfabetização a mesma afirma que:

“É um processo que exige acesso à informação socialmente vinculada, já que muitas propriedades da língua escrita só se descobrem por meio de outros informantes e da participação em atos sociais nos quais a escrita sirva para fins específicos”.

Nesse sentido a alfabetização necessita assumir um caráter social, onde necessariamente o aluno precisa ser alfabetizado com um novo pensar, ou seja o discente precisa reconhecer a importância da escrita na sociedade, e assim se interessar para a aquisição do processo de alfabetização.

1.2- Os métodos de alfabetização.

A histórica transformação dos métodos de alfabetização se relacionam com as transformações econômicas, sociais, políticas e especialmente, educacionais, entretanto, não é o mero conflito de métodos que têm contribuído para o fracasso a alfabetização de milhares de crianças no Brasil. O que vem dificultando a formação de cidadãos críticos e a construção de uma sociedade mais justa, é a falta de compromisso das elites, com a inclusão das classes sociais desfavorecidas, no uso social da leitura e da escrita.

De acordo com Araújo (1996), a história da alfabetização pode ser dividida em três grandes períodos: o primeiro inclui a antiguidade e a Idade Média, quando predominou o método da soletração; o segundo. Que se inicia pela reação contra o método da soletração, entre os séculos XVI e XVIII, estende-se até a década de 1960, e se caracterizou pela criação

de nossos métodos sintéticos e analíticos; e o terceiro período, marcado pelo questionamento e refutação da necessidade de associar os sinais gráficos da escrita aos sons da fala para aprender a ler, iniciando em 1986, com a divulgação da teoria da psicogênese da língua escrita.

1-3 O método das cartilhas.

Diante da necessidade de se apropriar da tecnologia do ler e escrever, as cartilhas surgem como instrumento, facilitador no processo de alfabetização das crianças. As cartilhas brasileiras se originaram em Portugal, com a autoria de João de Barros, a cartilha de português é uma das mais antigas para ensinar a ler as crianças na escola.

Até o século XIX, a alfabetização iniciava-se pela letra manuscrita, depois a letra de forma era ensinada alternadamente, pelo professor que organizava as letras do alfabeto em folhas de papel.

Para muitos, o método da cartilha era eficiente, sendo que os autores da cartilha foram alfabetizados pela mesma, e eles acreditam que como ela serviu para os alfabetizá-los também serviria para alfabetizar outras pessoas. Diante da alfabetização por meio de cartilhas, em 1930 o número de cartilhas publicadas aumentou, então a venda de cartilhas passou a ser um grande negócio, e o mercado cresceu.

Acreditava-se que o método da cartilha era eficaz, mas a mesma apresenta algumas falhas, que infelizmente até os dias atuais ainda continuam sendo reproduzidas por docentes dentro da sala de aula, muitos educadores não trabalham com a cartilha propriamente dita, mas utilizam a metodologia da cartilha, nesse sentido pode-se dizer a cartilha não está na sala, mas a metodologia sim.

O trabalho com as cartilhas trazem alguns problemas que são: o modo de trabalhar com as sílabas, a concepção de linguagem das cartilhas, a escrita reduzida à representação da fala, equívocos quanto às famílias silábicas, problemas fonéticos, prevalência da atividade escrita sobre a fala e a precariedade da produção de textos.

A alfabetização por meio de cartilhas é um processo que se realiza de forma inadequada, pois é abordado através das cartilhas apenas a codificação (escrita) e a decodificação (leitura) de sinais. O principal objetivo das cartilhas é a memorização de letras, em linguagem popular, a conhecida “decoreba”. Segundo CAGLIARI (1999, p. 82):

“A alfabetização gira em torno de três aspectos importantes da linguagem: a fala, a escrita e a leitura”. Analisando estes três aspectos, tem-se uma compreensão melhor de como são as cartilhas ou qualquer outro método de alfabetização. (CAGLIARI, 1999: 82.)

Conclui-se que o método da cartilha deixa de lado o aspecto da fala, pois na maioria das vezes o aluno não tem a oportunidade de falar, a sua liberdade de expressão é espaço para fala, muitas vezes negada, e assim gerando dificuldades futuras. Pois muitos alunos chegam ao ensino médio e à universidade com dificuldade de se expressar, “timidez”, isso acontece devido os mesmos terem uma educação tradicional, segundo a qual “o aluno bom é aquele aluno que fica calado”, assim observando que se tinha acesso à uma “educação bancária”, caracterizada por PAULO FREIRE, em que o professor só deposita ou retira (saca) conhecimento e não dá espaço para o discente interagir.

1.4 – O que é letramento?

A palavra letramento é relativamente nova, foi no ano de 1986 MARY KATO, em seu livro “no mundo da escrita uma perspectiva psicolinguística”, escreve as primeiras palavras referindo-se ao letramento.

Na segunda metade dos anos 1980 a palavra letramento surge no discurso de especialistas das ciências linguísticas e da educação, como uma tradução da palavra da língua inglesa literacy. A tradução se faz na busca de ampliar o conceito de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio da tecnologia do ler e do escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em praticas sociais em que escrever e ler são necessários.

Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, em práticas sociais. Em seu livro: preciso “ensinar” o letramento, KLEIMAN (2005, pág. 05) diz que:

“Letramento” é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana:

- No ponto do ônibus, anunciando produtos, serviços e campanhas.
- No comercio, anunciando ofertas para atrair clientes, tanto nas pequenas vendas, como nos grandes supermercados.
- No serviço publico, informando ou orientando a comunidade. (KLEIMAN 2005, pág.05)

Ainda segundo KLEIMAN (2005, pág., 21):

“o letramento abrange o processo” de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da internet. (2005, pág., 21).

O letramento tem uma função fundamental que não se limita em ler e escrever, um conhecimento sistematizado, vai muito além, percebe-se que um individuo letrado nem

sempre sabe ler, mas consegue “ler o mundo socialmente”, a partir da leitura de mundo e de sociedade, o individuo esta devidamente letrado. Para SOARES (2001, P. 24)

Letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias de língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em praticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, esta rodeado de material escrito e percebeu seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrado. (SOARES 2001, pág,24).

Nesse sentido, percebe-se que nem sempre um individuo letrado é alfabetizado, pois o letramento vai muito além da alfabetização formal “codificar e decodificar”, e o mesmo não se realiza somente nas quatro paredes de uma sala de aula, em um espaço escolar, mas se caracteriza também fora da escola, na sociedade, onde o individuo realiza a “leitura do mundo”, nos rios, nas ruas, nos letreiros, placas e etc. Segundo KLEIMAN(2005,pág,06):

A presença da escrita muda de lugar para lugar. Se você mora numa grande cidade, um trabalho que pode ser feito com os alunos para dirigir os olhos e a atenção deles para as funções da escrita é um passeio leitura pelo bairro, anotando tudo o que estiver escrito: placas, folhetos, avisos, letreiros. Mas se você mora em zona rural, talvez não haja muita presença da escrita ao redor, para ser anotada num passeio-leitura. Nesse caso, o objetivo pode ser outro: descobrir lugares que se beneficiariam com placas e letreiros escritos, como: “É proibido jogar lixo!”, “perigo” e outros. (2005, pág. 06).

Para KLEIMAN o letramento envolve a inserção da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita. Ainda KLEIMAN (2005, pág., 09), diz que:

Para conseguir essa inversão o professor pode:

- a) Adotar pratica diárias de leituras de livros, jornais e revistas sala de aula;
- b) Arranjar paredes, chão e mobília à sala de tal modo que textos, ilustrações, alfabeto, calendários, livros, jornais e revistas penetrassem todos os sentidos do aluno-leitor em formação;
- c) Fazer um passeio-leitura com os alunos pela escola ou pelo bairro. (2005pag. 09).

Assim o letramento não é um método, mas o professor que trabalha com o letrar precisa desenvolver praticas de leituras, que sejam prazerosas, que façam a inserção do aluno no mundo da leitura e da escrita de maneira social. Outro conceito de letramento é apresentado por (SOARES, 1998, pág. 72)

[...] Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e praticas social, ou seja, é conjunto de práticas sociais relacionado à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES 2005,pág,72).

O letramento é o conjunto de práticas sociais de leitura e escrita, em que o indivíduo adquire através da sua imersão na escola e principalmente na sociedade, pois letrar é preparar o aluno para viver socialmente.

1.5 – Práticas de letramento.

Para KLEIMAN, prática de letramento é o conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização.

O letramento não é alfabetização, mas pode-se dizer que os dois estão associados, assim a primeira prática de letramento é a própria alfabetização, pois quando o docente faz uso da língua escrita de forma social, à alfabetização se torna uma das práticas de letramento.

Ainda segundo KLEIMAN; assistir as aulas, enviar cartas, escrever diários, são exemplos de práticas de letramentos.

A prática de letramento está diretamente ligada à alfabetização, pois os termos alfabetização e letramento são inseparáveis, sendo que um se realiza em outro, a alfabetização é necessária para que alguém seja plenamente letrado.

As práticas de letramento só se concretizam quando o docente utiliza uma prática social de uso da escrita, assim realizar a prática social dentro de sala de aula se torna um desafio para o professor, que precisa estar atualizado, ser um grande pesquisador, que pesquisa para bem melhorar as suas práticas.

1.6 - Alfabetização e letramento: processos indissociáveis.

Para descrever os termos alfabetização e letramento, é preciso entender que ambos possuem dimensões distintas, mas que são inseparáveis, pois um se argumenta em outro, nem sempre um indivíduo alfabetizado é letrado, como diz (SOARES, 1998,pág, 40):

O indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, e não só aquele que sabe ler escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e de escrita (pg. 40)

O letramento é um processo de aprendizagem que está ligado à alfabetização, são inseparáveis, mas sendo que cada um tem suas especificidades, pois o letramento vai muito além da alfabetização.

Nos dias atuais a alfabetização e o letramento são muito presentes, e saber relacionar esses dois processos é um desafio para o docente, pois alfabetização e letramento precisam estar sempre bem relacionados.

O letramento e a alfabetização são processos que se entrelaçam, são indissociáveis e acontecem de forma simultânea, pois o ingresso da criança no mundo da escrita deveria acontecer tanto pela escrita, como também pelo desenvolvimento de capacidade de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, intimamente ligadas às práticas sociais. Para SOARES (2004).

“Dissociar alfabetização e letramento” é um equívoco porque, no quadro dos atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema – grafema, isto é, em dependência da alfabetização. A concepção “traduzida” de alfabetização traduzida nos métodos analíticos ou sintéticos tornava os dois processos independentes, a alfabetização a aquisição do sistema convencional de escrita o aprender a ler como decodificação e a escrever como codificação – precedendo o letramento o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão das funções da escrita”. (pag. 14,15)

Assim alfabetização e o letramento são realmente práticas distintas, mas inseparáveis, pois uma se fundamenta na outra, e para se formar indivíduos questionadores críticos com “leitura de mundo e sociedade”, é necessário que o docente trabalhe de fato com esses dois processos, desde a educação infantil, onde se inicia o processo de ensino aprendizagem do educando, e depois passando para o ensino fundamental, onde as práticas pedagógicas precisam está voltadas para o alfabetizar letrando, tornando uma educação “forte” e eficaz.

1.7 – Escola do campo.

Falar em educação do campo é se referir a um projeto educativo integrado ao desenvolvimento comunitário dos povos do campo, tendo se originado pelos movimentos camponeses no Brasil. O nome educação do campo e no campo se concretizou na I Conferencia Nacional por uma educação Básica do campo, em 1998, criada a partir das discussões da Reforma Agrária I Eneer, em 1997.

A escola do campo nasce do contraponto á escola rural e a tudo que ela representa como reprodutora das desigualdades sociais nas comunidades camponesas.

A escola do campo aparece com o objetivo de repensar o fazer pedagógico visando valorizar as necessidades dos sujeitos da educação do campo, dos povos indígenas, povos ribeirinhos, comunidades tradicionais e camponesas, quilombolas, agricultores familiares, assentados, acampados à espera de assentamento, extrativistas, pescadores artesanais.

O campo é um local onde se tem uma grande produção de crescimento, que não podem ser desvalorizados, é nesse sentido que a escola do campo precisa ser valorizada, por isso a escola que lá está é parte da comunidade camponesa e assim deve ser vivida e construída por todos, professores, alunos, pais e as demais famílias. É necessário que a escola do campo seriada ou multiseriada alcance o seu dever que é de educar para além das quatro paredes da, redimensionando o ato de ensinar: se empenhar para o sucesso dos alunos, ensinar a pensar a realidade, ensinar transformando socialmente. Para isso é importante à discussão e mais espaços de estudo refletindo e discutindo sobre a educação do campo, e também abordando à necessidade da criação de novos métodos e espaços de aprendizagens tanto dentro como fora das paredes da sala de aula, dando oportunidade para o diálogo entre os saberes do campo e escolares.

Normalmente nas escolas no campo o que mais predomina, são as turmas seriadas e multiseriadas, (as multisserias) muitas vezes em pequenos ou grandes espaços, distantes ou próximos dos municípios. São umas variedades de escolas, em múltiplos campos. Com essa diversidade faz-se necessário organizar uma unidade, com o objetivo de não perder a verdadeira finalidade da educação do campo nessas escolas. Independentemente da estrutura física, da organização e da localização de uma escola do campo, seus projetos pedagógicos necessitam estar de acordo com o Decreto nº 7352, de 4 de novembro de 2010 devem partir dos seguintes princípios.

Art. 2º São princípios da educação do campo:

- I – respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II – Incentivo à formulação de projetos políticos pedagógicos, específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços políticos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambiental mente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III – desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;
- IV – Valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodológicos adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar,

incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

V – Controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo.

BASES LEGAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Além das diretrizes operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo (2001/2004), a educação do campo conta com outros marcos legais que lhes defende.

- Constituição Federal de 1988 – Artigo 205.
- Plano Decenal de Educação para Todos – 1993
- Plano Nacional de Educação – 2001
- LDB 9394/96 – Artigo 28º e seus respectivos incisos.
- Resolução CEB nº 3, 10/11/1999(Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas)
- Resolução nº 1/2002 do Conselho Nacional de Educação
- Criação da Secretaria de Educação continuada, alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) – 2004.
- Resolução nº 2 – 28 de abril de 2008/ Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

O EDUCADOR DO CAMPO

As escolas do campo precisam de professores que esteja bem preparados para lidar com os alunos do campo, conhecendo suas realidades dentro da comunidade onde vivem. Assim, é interessante chamar à atenção sobre a falta de consistência e coerência teórica/prática de muitos professores, que não estão preparados para trabalhar no campo, não conhecendo a realidade e os modos de vida dos alunos camponeses.

Na escola do campo, o professor-instrutor se transforma em professor-educador, que não se preocupa apenas com a formação humana dos alunos, mas o mesmo deve envolver-se no cotidiano da comunidade, voltando-se para a sensibilidade das famílias, a interação entre os mesmos valorizando o bem comum da coletividade.

O educador do campo necessita ter um bom perfil, tendo prática reflexiva, no envolvimento com a comunidade e na autonomia pedagógica. Esse mesmo educador deve ter

formação teórica-técnica, política e ética. As escolas do campo precisam de um educador que seja:

- Dinâmico em suas discussões e mediador do processo de ensino aprendizagem;
- Incentivador das atividades individuais e coletivas;
- Precisa ser pesquisador sobre as realidades do campo;
- Um agente cidadão do campo, e conhecedor de suas realidades;

O educador do campo deve ser é um profissional comprometido com a educação e com a formação humana de seus alunos, sendo; ético, afetivo, político e social.

1.8- prática pedagógica.

A prática pedagógica possui várias definições de acordo com os princípios em que ela estiver baseada, de acordo com a referencia teórica utilizada. A prática pedagógica para Freire (1986) parte do termo dialógico, sendo que a construção do conhecimento é um processo realizado por professor e aluno com criticidade da realidade. À pratica pedagógica para FERNANDES (1999. p.159) é pensada como:

[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como pratica social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética pratica-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares.

Nesse sentido a construção do conhecimento acontece junto, entre professor e aluno, essa relação entre os dois possibilita uma troca de conhecimentos, onde o professor ao conhecer a realidade do aluno com o mesmo, e o aluno aprende com o professor, com o que o professor reconstrói, cria e compartilha com o discente.

A prática pedagógica se constrói devido ao fato de que em cada atitude do docente existe praticas tradicionais onde o professor é o centro de tudo, em que o aluno não tem a oportunidade de se expressar, e esse tipo de pratica tradicional ainda é muito presentes nas escolas, o autoritarismo imposto pelo professor, que acaba desfojando a aprendizagem do aluno, tornando uma “educação bancária”, como diz Paulo Freire, sendo que esse termo bancário refere-se há uma educação onde o docente deposita conhecimento, sem acontecer a troca de experiência, ou seja a mesma é fechada ao dialogo, o aluno tem que permanecer sempre calado, só ouvindo, sem espaço para o diálogo e troca de experiências.

A prática pedagógica precisa ser libertadora, onde aquele método tradicional é deixado de lado, e passa a dar a “liberdade ao aluno”, sendo que essa liberdade é dada ao discente dentro da sala de aula pelo professor, acontece a interação entre professor- aluno / aluno

professor, a partir dessa relação entre os dois, pode-se dizer o mesmo pensamento de Paulo Freire, uma “ educação libertadora”, onde o aluno é visto como um ser crítico reflexivo, em que há o diálogo e a interação na sociedade.

Não existe uma receita, para ter uma boa pratica pedagógica, depende de cada educador, o mesmo tem que sentir o desejo de transformar a sociedade, sendo mais justa, solidaria e democrática.

Para Rios (2008), o que deve direcionar a ação pedagógica voltada para a transformação social é o conhecimento ético. O docente é um ser que precisa estar comprometido com a educação, sendo ético, reflexivo, crítico e principalmente pesquisador. A ação do professor assume um caráter transformador, quando essa pratica é reflexiva.

Paulo Freire em seu livro pedagogia da autonomia explicita claramente a importância da reflexão critica sobre a prática, dizendo que:

“Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão critica sobre a prática. É pensando criticamente a pratica de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima pratica. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão critica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática”. (FREIRE, 2011, pag.40).

Assim ensinar exige uma reflexão critica sobre a prática, o docente precisa primeiramente refletir, olhar no espelho e pensar sobre a maneira como ele ensina, depois dessa auto reflexão o docente precisa pesquisar, pois é pesquisando que o professor pode melhorar a sua pratica pedagógica. Ainda segundo Paulo Freire (2011), diz que:

“Ensinar exige rigorosidade metódica; Ensinar exige pesquisa; Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; Ensinar exige estética e ética; Ensinar a corporificação das palavras pelo exemplo; Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; Ensinar exige reflexão critica sobre a prática; Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural; Ensinar não é transferir conhecimento; Ensinar exige consciência do inacabado; Ensinar exige o conhecimento de ser condicionado; Ensinar exige o respeito à autonomia do ser do educando; Ensinar exige bom-censo; Ensinar exige curiosidade; Ensinar exige comprometimento; Ensinar exige liberdade e autonomia; Ensinar exige saber escutar; Ensinar exige disponibilidade para o diálogo”. (FREIRE, 2011,).

Nesse sentido o ensinar desvela-se através da prática pedagógica do professor, o mesmo precisa estar atualizado, ser pesquisador, e ser tudo isso que Paulo Freire (2011) nos mostra. Assim o docente terá uma boa prática pedagógica, lembrando que para isso acontecer precisa ter comprometimento com a educação e ser extremamente ético com os seus alunos.

CAPITULO 2 – METODOLOGIA

A metodologia é um conjunto de procedimentos utilizados para se realizar a pesquisa a partir de um problema em questão, nesse sentido, para se obter os resultados da pesquisa necessita-se de métodos que se revelem através da organização investigativa do trabalho.

A metodologia utilizada para a coleta foi qualitativa, devido a mesma ser: "objetiva, e em geral, provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados de seus problemas e das condições que os geram, a fim de elaborar os meios e estratégias de resolvê-los". (chizzoti, 2001, p. 104).

Segundo chizzoti,(2006, p.28).

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

Ainda segundo chizzoti, (2006, p.28), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Nesse sentido quando se refere ao termo qualitativo, significa que o pesquisador deverá pesquisar a qualidade de determinado assunto.

Assim a realização da pesquisa buscou esclarecer, as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização e letramento dos discentes, e também trazendo contribuições para a compreensão desse processo enquanto formação docente. A pesquisa qualitativa teve como universo o estudo de caso da escola Dom Ângelo Frosi, situada no rio Tucumanduba ilhas de Abaetetuba.

A escola municipal de educação infantil e ensino fundamental Dom Ângelo Frosi está situada no rio Tucumanduba ilhas do município de Abaetetuba, trata-se de uma escola rural de porte médio localizada na beira do rio, por isso também chamada de escola ribeirinha. Tem em sua estrutura física 4 salas de aulas, uma brinquedoteca, uma secretária, uma diretoria, uma copa e 3 banheiros sendo um masculino, um feminino e um destinado aos funcionários.

Os discentes conseguem ter acesso à escola, através dos rabeteiros (funcionários que transportam as crianças em embarcações). A escola tem em seu quadro de funcionários; uma diretora que atende os dois turnos (manhã e tarde); 7 professores; 5 rabeteiros; 4 auxiliares de serviços educacionais.

A instituição pesquisada atende 165 alunos, que são divididos em 8 turmas; período I e II, 1º,2º,3º,4º,5º anos, educação de jovens e adultos (EJA) e educação especial.

A coleta dos dados se realizou em apenas uma escola, pois o objetivo desse trabalho não é comparar escolas, pretende compreender quais as dificuldades que atrapalham a alfabetização e letramento dos alunos. A pesquisa de campo teve cunho etnográfico, pois é uma atividade de observação, interpretação e compreensão da realidade da escola Dom Ângelo Frosi.

Para SOARES (1993) é necessário que o professor não esteja informado apenas sobre a produção de diferentes áreas do conhecimento, mas conheça as próprias pesquisas, não só para utilizar o conhecimento produzido, mas também para valer-se dos processos de produção desses conhecimentos.

Para compreender as dificuldades de alfabetização e letramento dos discentes, realizou-se entrevistas com os docentes, alunos e pais, e observação participante com professores das turmas 1º, 2º e 3º anos. A pesquisa se realizou seguindo a seguinte metodologia:

No primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico, em relação ao tema; alfabetização e letramento.

No segundo momento a pesquisa seguiu com entrevistas com professores do 1º, 2º e 3º anos, no total foram três professores entrevistados, com um roteiro de perguntas estruturados aplicados aos mesmos, sendo que o questionário é um instrumento de coleta de dados.

No terceiro momento seguiu as entrevistas com os pais e os discentes, onde foi feita uma seleção dos alunos do 1º, 2º e 3º anos, sendo entrevistados três alunos de cada uma dessas turmas, totalizando 9 discentes entrevistados, o requisito de seleção dos alunos para a entrevista, priorizou aqueles que moram próximo a escola pesquisada, e que apresentam maior dificuldade no processo de aquisição da leitura e da escrita.

No quarto momento realizou-se a observação participante nas turmas do 1º, 2º e 3º anos.

As entrevistas foram feitas com cada um dos professores separadamente seguindo um roteiro de perguntas, sendo que os entrevistados foram gravados para que possa acontecer a análise dos dados feita pelo pesquisador.

CAPITULO 3 – ANÁLISES E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.

3.1- o ambiente da pesquisa.

A escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dom Ângelo Froisi teve sua inauguração, no dia 12 de abril de 1998, sendo que sua primeira construção foi de madeira, e após alguns anos de funcionamento a mesma foi reformada, passando da madeira para a alvenaria e sua reinauguração foi realizada no dia 16 de março de 2012, pela prefeitura Municipal de Abaetetuba, pelo secretário de educação municipal (SEMEC), pais, professores e a comunidade.

Foto 1- localização da escola Dom Ângelo Froisi.



Fonte: Arquivo pessoal.

A escola foi pensada para atender os filhos dos ribeirinhos, entre eles os filhos de pescadores, de oleiros e agricultores, visando manter viva a cultura ribeirinha, que aos poucos está se perdendo e também trazer educação para as crianças, objetivando que as mesmas possam ter um futuro digno.

Outra justificativa da fundação da escola foi à necessidade que as crianças tinham por um ambiente adequado para estudar. Antes da construção da escola as crianças estudavam em barracões ou em casa de professores, em pequenas salas onde mal dava para andar. Diante dessa problemática surgiu a necessidade de se construir uma escola com um espaço adequado para atender as crianças, depois de muita luta da comunidade e dos pais, conseguiu-se a licitação que dava oportunidade para a construção desse espaço escolar.

A escola foi construída em terreno de várzea, e seu prédio de alvenaria possui apenas um bloco, onde funcionam 04 (quatro) salas de aula, e possui atualmente 01 (uma) diretoria, 01 (uma) secretaria, 01(uma) brinquedoteca, 01 (uma) copa, 03 (três) banheiros, um dos meninos, um das meninas e um dos funcionários.

Foto 2- Espaços físicos da escola Dom Ângelo Frosi.





Fonte: Arquivo Pessoal.

A escola atende alunos que provem de classes economicamente baixas, que possuem pai ou mãe ausente ou estão separados, e os seus responsáveis em alguns casos são os avôs. Muitos alunos ingressam na escola com muitos fatores que contribuem para aumento das dificuldades enfrentadas pelo aluno, o primeiro é o analfabetismo dos pais, que dificulta o acompanhamento educacional em casa; o segundo é a falta de participação dos pais na vida escolar do aluno; o terceiro é a dificuldade econômica enfrentada pelas famílias, por exemplo, na época em que se inicia a safra do açaí, muitos alunos não acompanham frequentemente a escola, pois têm que trabalhar para ajudar os pais, apanhando açaí como peconheiros (peconha é um instrumento que se faz com a palha do açazeiro, ou com outro material e que a pessoa coloca nos pés para subir na palmeira e apanhar o açaí), que é um tipo de serviço que exige força física, e muitos que realizam esse tipo de atividade e depois vão para a escola, ficam cansados e sem vontade de estudar, e isso dificulta o processo de ensino-aprendizagem daquele aluno.

A escola Dom Ângelo Frosi, com seus anos de funcionamento, está hoje sob a direção da professora Neidiani de Nazaré Rodrigues Silva, e trabalha com 165 alunos da localidade, distribuídos em 3 (três) turnos, manhã, tarde e noite. No turno da manhã funcionam as turmas de educação infantil, período I e II e o ensino fundamental 1º e 5º anos. No turno da tarde funcionam as turmas de ensino fundamental 2º, 3º e 4º anos. No turno da noite funciona apenas 1 (uma) turma de educação de jovens e adultos (EJA) 1º etapa.

A escola não possui coordenador pedagógico e nem secretário. A mesma possui; 1 (uma) diretora; 6 (seis) professores; 4 (quatro) serventes; 5 (cinco) rabeteiros. Com a ausência do coordenador pedagógico, os professores sentem dificuldades no trabalho pedagógico, pois

não tem a orientação do coordenador, mesmo com essa ausência os docentes empenham-se ao máximo para facilitar a construção de conhecimentos dos discentes.

A escola segue o calendário oferecido pela secretaria municipal de educação (SEMEC), só que a escola faz adequações, e dentro dessas mudanças a escola promove algumas atividades:

- 1- FESTAS COMEMORATIVAS: espaço onde reúne os alunos, pais, professores e a comunidade para juntos se alegrarem, se divertirem e comemorar aquele momento importante.
- 2- HP (HORA PEDAGOGICA): reunião que se realiza de acordo com o calendário, onde deverá ocorrer 4 (quatro) encontros de HP durante o ano letivo, sendo 2 (dois) em cada semestre. O objetivo desse encontro é discutir sobre o planejamento de ensino as avaliações e como está ocorrendo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e quais as dificuldades enfrentadas.

3.2- DIFICULDADES ENFRENTADAS.

A alfabetização e o letramento são processos muito importantes na vida de um indivíduo, para alfabetizar e letrar o professor necessita de práticas pedagógicas que facilitem a apropriação desses processos. Para esclarecer quais as dificuldades de alfabetização e letramento dos alunos do 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental da escola Dom Ângelo Frosi, faz-se necessário observar a atuação do profissional no ensino fundamental (menor), em campo.

Na coleta dos dados desta pesquisa, estive em uma escola da rede pública municipal de ensino, localizada no rio Tucumanduba ilhas do município de Abaetetuba. Os professores, alunos e pais entrevistados, não sentiram dificuldade em responder o questionário, sendo que através destes dados e de outros que coletei em campo pude concluir o resultado desta pesquisa.

Através do questionário aplicado aos professores tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre as práticas pedagógicas dos mesmos, que foi e é de grande contribuição para a minha formação acadêmica e profissional. Conhecer o cotidiano escolar e os desafios que os profissionais da educação enfrentam no seu dia a dia, foi algo muito importante.

Na coleta dos dados aplicou-se um questionário com o objetivo de obter informações tanto da formação de professores, quanto das dificuldades de alfabetização e letramento

enfrentadas pelos alunos. Foram entrevistados professores do ensino fundamental (menor) 1º, 2º e 3º anos, pais e alunos. Esses questionários foram tabulados em informações abaixo:

Tabela 1- Qual é a sua formação?

PROFESSOR 1º ANO	Sou formada em pedagogia (nível superior)
PROFESSOR 2º ANO	Magistério (nível médio)
PROFESSOR 3º ANO	Ciências Naturais – Física (nível superior)

Conforme se observou os professores pesquisados têm formações diferenciadas, sendo que dois deles já tem o nível superior, e apenas um deles ainda possui o magistério como nível máximo de escolaridade, entre os docentes pesquisados apenas 01 (um) dos profissionais é do sexo masculino, e todos são oriundos de instituições de ensino público.

O principal problema apontado pelo docente na busca de qualificação profissional foi à falta de tempo e de recursos financeiros. Os que já obtiveram a graduação superior foram através da plataforma freire (PAR FOR), que é um curso destinado à qualificação e formação do professor da educação básica, ofertado pelo governo federal.

Tabela 2- Porque você escolheu ser professor?

PROFESSOR 1º ANO	Foi uma profissão que eu sempre gostei e tive admiração, por isso eu quis ser professora, e ensinar o que eu aprendi, ou seja, compartilhar com as crianças é algo maravilhoso.
PROFESSOR 2º ANO	Desde criança sempre me interessei pelos livros e isso contribuiu com a descoberta da minha vocação em me tornar uma educadora no processo de ensino aprendizagem.
PROFESSOR 3º ANO	Porque o magistério é uma das atividades onde transmite conhecimentos, e também repassamos conhecimentos, criamos laços afetivos com as crianças e assim acreditando na transformação social através da educação.

Como se podem observar os professores escolheram serem educadores, por ser uma profissão que; sempre gostou, teve admiração, e desde criança já se interessava, acreditam quer ser professor é uma vocação, um deles disse que o magistério é muito importante, e vê a educação como transformação social, acredita que o mundo pode ser transformado através da educação.

Paulo Freire em uma de suas frases tem o mesmo entendimento de um dos professores, dizendo que a educação não transforma o mundo a educação transforma as

peessoas e as pessoas transformam o mundo. O educador tem um papel importantíssimo diante da transformação da sociedade, pois ele é o mediador que constrói conhecimentos junto com seus alunos, e ao construírem conhecimentos o discente pode fazer a transformação da sociedade.

Tabela 3- Qual seu tempo de docência?

PROFESSOR 1º ANO	Trabalho a 6 (seis) anos em sala de aula.
PROFESSOR 2º ANO	7 (sete) anos como educadora.
PROFESSOR 3º ANO	9 (nove) anos.

Percebeu-se que os educadores têm experiências de 6 (seis) à 9 (nove) anos de docência, ou seja, não estão atuando há pouco tempo, e isso contribui muito na vida profissional pois o tempo de serviço faz com que o educador ganhe várias experiências, que ajudam a enriquecer o trabalho pedagógico dentro de sala de aula.

Tabela 4- Você já fez algum curso de aperfeiçoamento profissional? Qual? Como ajudou no seu trabalho pedagógico?

PROFESSOR 1º ANO	Eu fiz algumas formações de aperfeiçoamento como; formação do pacto, oficinas de gêneros textuais, e escola do campo. Essas formações me ajudaram a trabalhar conteúdos possíveis em sala de aula, ajudando a resgatar gêneros textuais, trazendo informações e vontade nos alunos, para que os mesmos sintam-se à vontade e seguros nas suas atividades dentro e fora da sala de aula.
PROFESSOR 2º ANO	Sim, pacto pela educação, curso de educação especial (altas habilidades), o curso da educação especial foi um dos que me ajudou muito a conhecer melhor as “diferenças”, e as capacidades de cada um, e soube respeitar os conhecimentos dos outros e suas diversidades.
PROFESSOR 3º ANO	Sim, pró-letramento, e o pacto pela educação, e ajudou-me no aprimoramento dos meus conhecimentos e também na minha prática pedagógica.

Os dados mostram que os professores já realizaram cursos de aperfeiçoamento, têm algumas formações diferentes, a única formação que eles tem em comum, segundos os dados é o pacto pela alfabetização na idade certa, eles relataram que os cursos contribuíram em suas práticas pedagógicas e em suas vidas pessoais.

O professor que realiza cursos significa dizer que o mesmo busca formação, e nessa busca o educador adquire vários conhecimentos que contribuem na sua prática pedagógica para seus alunos, nessa perspectiva Paulo Freire diz que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses querer fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011, pg.30).

Nesse sentido o professor precisa buscar formações, para poder informar e formar, o docente deve ser um pesquisador, é o mediador que educa por isso o professor tem que ser reflexivo precisa refletir sobre sua profissão e prática, e tem que ter em mente que ele é um dos agentes transformadores da sociedade, e que muitas crianças necessitam do auxílio do educador na construção do conhecimento.

3.3-RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO.

Conforme se pode verificar abaixo, na pesquisa que realizamos percebemos que a relação professor aluno não se apresenta como uma dificuldade que venha impedir o processo de alfabetização e letramento das turmas 1º, 2º e 3º anos da escola Dom Ângelo Frosi, ao contrário conforme relatos de professores e alunos observa-se que há uma boa relação entre os mesmos.

Tabela 5- Existe alguma dificuldade na relação professor-aluno, que dificulte o processo de alfabetização e letramento?

PROFESSOR 1º ANO	Acredito que não, pois eu como educadora busco sempre me relacionar bem com os alunos de forma que eles me vejam como; educadora, transmissora e amiga.
PROFESSOR 2º ANO	Sim, o professor enfrenta algumas dificuldades, sendo que eu enfrento a dificuldade devido a falta de interesse dos alunos.
PROFESSOR 3º ANO	Não para mim não existe dificuldade entre professor-aluno.

Nas respostas acima 02 (dois) dos professores respondem não ter dificuldade na relação professor-aluno, que dificulte o processo de alfabetização e letramento. A essas respostas me chamou atenção a resposta de um dos docentes que diz encontrar dificuldades com os alunos devido à falta de interesse dos mesmos.

Em uma sala de aula encontra-se uma diversidade de alunos, sendo que se têm aqueles que são mais desenvolvidos, os que apresentam maior vontade por aprender e também aqueles que são desinteressados. Essa falta de vontade de aprender do aluno ocorre através da falta de apoio por parte da família e também quando o aluno não se adapta a metodologia do

professor, isso acaba desestimulando aquele aluno. O professor em sala de aula tem um papel importantíssimo, que é de educar, estimular e despertar no discente a vontade de aprender.

Tabela 6- Você gosta da aula do seu professor (a)? Por quê?

ALUNO 1° ANO	Sim, porque a professora não é brava ela é legal comigo.
ALUNO 1° ANO	Sim, porque a professora canta e brinca.
ALUNO 1° ANO	Sim, porque é legal.
ALUNO 2° ANO	Sim, porque é legal e a professora não é enjoada.
ALUNO 2° ANO	Sim, porque ela é muito compreensiva e carinhosa.
ALUNO 2° ANO	Sim, porque eu gosto do meu professor.
ALUNO 3° ANO	Sim, porque o professor é legal, e compreensivo e eu consigo entender o que ele explica.
ALUNO 3° ANO	Sim, porque o professor é muito inteligente e explica muito bem para mim.
ALUNO 3° ANO	Sim, porque o meu professor me ensina muito bem.

Todos os alunos afirmaram que gostam da aula de seus professores, porque eles são legais. Um dos alunos disse que gosta da aula do seu professor (a), porque o mesmo é compreensivo e explica muito bem as atividades desenvolvidas dentro de sala de aula. Assim pode-se perceber que a afetividade na relação é um dos elementos fundamentais para a alfabetização e letramento dos estudantes, a experiência da sala de aula é mediada por uma relação amistosa e afetiva, essa relação construída entre professor e estudantes cria ambiente favorável para a alfabetização e letramento e como podemos verificar na fala de professores e estudantes a construção desta relação afetiva vem acontecendo na escola.

O professor tem um desafio muito grande no espaço escolar, que é fazer com que o aluno sinta prazer em assistir a sua aula. A aula do educador só fica prazerosa e produtiva quando o mesmo se planeja, e utiliza metodologias que seja de acordo com a realidade do aluno. Outro fator importantíssimo que contribui para uma prática prazerosa é o educador flexível, aquele que brinca, que canta, que deixa o aluno a vontade na realização de suas atividades. O docente também precisa saber conciliar a sua vida profissional com a pessoal, pois muitas vezes o professor está com problemas em casa, e quando chega na escola o mesmo quer descontar esses problemas nas crianças, e isso acaba contribuindo para uma prática inadequada, que leva os discentes a não sentirem prazer em assistir as aulas, e muitas vezes até se evadirem da escola.

Tabela 7- Fale sobre seu professor (a)?

ALUNO 1° ANO	Minha professora é legal, ela me deixa resolver as atividades no quadro e isso para mim é muito divertido.
ALUNO 1° ANO	A professora é simpática, e ela passa atividades legais.
ALUNO 1° ANO	A minha professora é muito legal.
ALUNO 2° ANO	A minha professora é legal gosto do jeito que ela me ensina, porque ela tem paciência.
ALUNO 2° ANO	A minha professora é muito carinhosa e ela brinca comigo e com os meus colegas.
ALUNO 2° ANO	Minha professora é muito inteligente e eu adoro estudar com ela.
ALUNO 3° ANO	Meu professor é legal, ele brinca com nós, ele é engraçado e muito inteligente.
ALUNO 3° ANO	O meu professor brinca comigo ele é muito inteligente.
ALUNO 3° ANO	Meu professor é legal ele é muito alegre e gosta de brincar.

Nas respostas obtidas pode-se identificar que os alunos falam muito bem sobre seus educadores. Os discentes dizem que seus professores são legais, inteligente, brincalhão, alegre e paciente. O professor em sala de aula primeiramente precisa conquistar a confiança dos alunos, mas essa conquista só ocorre quando o docente não é autoritário, pois as crianças se espelham em seus professores, assim é importante que o educador repense bem suas atitudes dentro de sala de aula. De acordo com Freire (1996, p. 73).

[...] o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. Um educador deve buscar um aperfeiçoamento constante, ter um carinho especial pela profissão que abraçou e saber utilizar sua autoridade com moderação e imparcialidade. (FREIRE, 1996, p.73.)

Portanto a relação professor aluno necessita do clima criado pelo docente dentro de sala de aula, onde deve estar sempre bem trabalhado pelo professor a empatia, o saber escutar e principalmente a relação de afetividade entre discente e docente. A afetividade é algo importante na relação professor – aluno. Em relação à afetividade Vygotsky (1998, p. 42) diz que:

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno.

Outro conceito de afetividade é explicado por Pecotche (apud Pádua 2010, p. 57):

O afeto é o princípio fixador das relações humanas. Sem o afeto, nada se constrói, porque tudo desmoronaria. É como se a mente fosse o tijolo e o afeto o cimento que os une. O afeto aqui não significa carinho, afago, mas a manifestação sincera para ajudar o outro ser.

Assim a afetividade aparece como algo crucial na formação da aprendizagem de uma criança, e é importante que o docente tenha laços afetivos com seus discentes. Trabalhar com afeto deve ser uma das práticas pedagógicas que o professor jamais deve deixar de lado, pois as crianças normalmente gostam de dialogar, e essa aproximação afetiva entre professor-aluno é algo que só se constrói afetivamente e é muito importante para a construção do conhecimento dos mesmos.

Resumindo os dados coletados, os alunos gostam que os professores brinquem, que cantem, que sejam carinhosos e compreensivos, ou seja, indicam que o caminho é o lúdico – brincadeira e o afeto e a compreensão como elementos fundamentais da prática pedagógica.

Quando falamos em lúdico, nos remetemos a um assunto muito discutido na área educacional, pois o lúdico está intimamente relacionado ao jogo e a brincadeira, e acredita-se que através do brincar e jogar a aprendizagem do aluno se torna significativa e prazerosa. De acordo com Barros (2006, p.56):

O brincar é uma necessidade básica, assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação, o brincar ajuda o aluno no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, por suas atividades lúdicas, o aluno forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento.

Nesse sentido o brincar é algo importante na construção do conhecimento de uma criança, pois através das brincadeiras o discente consegue aprender mais rápido, porque no ato de brincar se trabalha com o mundo imaginário da criança, assim a aprendizagem se torna prazerosa e significativa na vida daquele individuo. Para Lopes (2006):

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver

algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (LOPES, 2006, p.110).

Constatamos que existe uma boa relação entre professor e aluno, tanto professores como estudantes falam muito bem uns dos outros, então a relação professor aluno não se apresenta como uma dificuldade de alfabetização. O que aparece mais nas falas dos alunos é que os professores brincam com os mesmos, então se percebe que o lúdico é um caminho interessante que pode contribuir muito para o processo de alfabetização e letramento de uma criança.

3.4- DIFICULDADES DIAGNOSTICADAS.

No processo de alfabetização e letramento de um indivíduo existem uma série de dificuldades específicas de cada ser humano, que atrapalham a alfabetização de um discente, através de uma entrevista com professores procura-se diagnosticar as principais dificuldades enfrentadas pelos discentes da escola pesquisada.

Tabela 8- Quais as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização e letramento dos alunos?

PROFESSOR 1º ANO	A ausência do acompanhamento familiar, a desestruturação de algumas famílias, pois quando eu realizo atividade de casa alguns alunos não trazem essas atividades prontas. Outra dificuldade que para mim interfere muito na aprendizagem de uma criança é a alimentação inadequada, alguns alunos da minha turma sentem essa dificuldade devido suas famílias serem carentes.
PROFESSOR 2º ANO	A falta de incentivo por parte das famílias dos alunos. Falta de alimentação adequada, pois presenciei varias vezes alguns alunos chegarem à escola com fome e isso dificulta muito a aprendizagem dos alunos. Outro fator que atrapalha a alfabetização dos alunos é a safra do açaí, devido que nesse período alguns alunos não frequentam ativamente a escola ou quando vão a mesma chegam cansados sem vontade.
PROFESSOR 3º ANO	A falta de uma boa educação infantil. A ausência de algumas famílias da escola e da vida escolar do aluno. Outra dificuldade é a

	falta dos alunos na escola no período da safra do açaí.
--	---

Os dados acima mostram que quando se refere às dificuldades enfrentadas no alfabetizar e letrar dos discentes, todos os professores entrevistados afirmam que sentem dificuldade no ato de alfabetizar, devido à ausência da família e do acompanhamento familiar em casa e na vida educacional do aluno. É importante destacar que dois dos professores acreditam que outra dificuldade que atrapalha a alfabetização do aluno é a má alimentação em casa, devido algumas famílias serem carentes. Para dois dos docentes a outra dificuldade que atrapalha muito a aprendizagem do aluno é o período da safra o açaí.

Pode-se constatar de acordo com os dados coletados que as principais dificuldades de alfabetização e letramento dos alunos, segundo os professores entrevistados são pontuadas em três:

- 1 –A falta de acompanhamento por parte da família;
- 2 -- A má alimentação;
- 3 -- O período da safra do açaí;

Para entender essas dificuldades pontuadas pelos professores envolvidos na pesquisa faz-se necessário explicar melhor cada uma dessas dificuldades detectadas especificamente. Para entendê-las, as mesmas foram divididas nos tópicos abaixo.

3.5-FALTA DE ACOMPANHAMENTO DOS PAIS;

A alfabetização de um individuo é um processo coletivo, onde requer o apoio e o auxílio do educador dentro da sala de aula, como mediador de conhecimentos, e também o apoio e acompanhamento familiar na vida escolar do aluno, esses são fatores importantíssimos para o desenvolvimento da aprendizagem de um individuo se concretizar, a articulação entre professor-aluno-família é de extrema importância. Não basta a família apenas matricular o aluno na escola, é necessário que a mesma acompanhe a vida escolar do aluno, incentivá-los e também dar suporte para a permanência dos mesmos no espaço escolar.

Tabela 9- Você tem dificuldade para se alfabetizar? Por quê?

ALUNO 1º ANO	Sim, porque eu me atrapalho, e também tenho dificuldade em casa porque moro com a vovó e ela não sabe ler e não tem quem me ensine.
ALUNO 1º ANO	Tenho, porque meus pais são separados e eu não vou todos os dias para a

	escola, e eu ainda não conheço todo o alfabeto.
ALUNO 1º ANO	Ainda tenho dificuldade, preciso que alguém me ajude falando as letras não sendo assim eu não consigo, a minha dificuldade é porque me confundo com as palavras e também porque falto muito a escola.
ALUNO 2º ANO	Eu tenho dificuldade, porque eu me confundo com as letras e as palavras, e também eu não tenho ninguém que me ensine em casa, o papai com a mamãe não sabem ler.
ALUNO 2º ANO	Sim, eu tenho um problema de visão, e me confundo muito com as letras todas juntas, porque eu não enxergo direito.
ALUNO 2º ANO	Sim, eu tenho muita dificuldade em ler e escrever, porque eu não presto atenção eu sou muito agitada e não consigo ficar parada.
ALUNO 3º ANO	Tenho muita dificuldade, porque eu não consigo memorizar as letras, quando o professor me ensina o alfabeto eu não consigo aprender eu esqueço.
ALUNO 3º ANO	Sim, eu me confundo muito e não consigo memorizar as letras do alfabeto.
ALUNO 3º ANO	Tenho dificuldade em aprender a ler, porque eu não presto muito atenção, eu me distraio.

Quando se pergunta aos discentes que dificuldades eles têm, se obtêm uma variedade de respostas. Percebe-se que os discentes pontuam dificuldades relacionadas ao analfabetismo dos pais sendo um problema no acompanhamento familiar, a falta de concentração e atenção nas aulas e também os mesmos afirmam que se confundem com as letras e as palavras. Evidenciam também que faltam muito as aulas.

O processo de alfabetização é lento para alguns alunos que tem dificuldades, e para esse processo se concretizar na vida desse indivíduo, exige a participação de alguns fatores importantes que são; o apoio da família e participação na vida escolar do aluno que inclui a família criar condições para que os estudantes estejam regularmente na escola e não faltem tanto, do outro lado é fundamental o uso de metodologias adequadas por parte do professor dentro de sala de aula condizentes com a realidade dos discentes.

Como o texto vem ressaltando a importância da família no processo de alfabetização e letramento dos alunos foi necessário também entrevistar as famílias, fazendo apenas uma pergunta central.

Tabela 10- Vocês pais ensinam seus filhos em casa, fazendo o acompanhamento familiar? Por quê?

PAIS DO ALUNO 1º ANO	Sim, todos ajudam em casa irmãos e irmãs, mas ele sente muita dificuldade.
PAIS DO ALUNO 1º ANO	Não, somos muito ocupados e não temos tempo.
PAIS DO ALUNO 1º ANO	Nós não ensinamos em casa, porque é obrigação da escola e dos professores ensinar a ler e escrever.
PAIS DO ALUNO 2º ANO	Não, nós somos analfabetos.
PAIS DO ALUNO 2º ANO	Não, porque trabalhamos e não temos tempo.
PAIS DO ALUNO 2º ANO	Não, porque não sabemos nem ler e nem escrever.
PAIS DO ALUNO 3º ANO	Sim, ajudamos em casa, porque eu acredito que só a escola não consegue alfabetizar um aluno que tem muita dificuldade, como é o caso do meu filho que sente muita dificuldade para aprender a ler.
PAIS DO ALUNO 3º ANO	Sim, nós ajudamos nas atividades em casa, mas o meu filho sente muita dificuldade.
PAIS DO ALUNO 3º ANO	Não, nós não ajudamos nas atividades de casa devido trabalharmos, e também por não sabermos ler e nem escrever.

As respostas acima apontam que das nove famílias entrevistadas, apenas três delas afirmou ensinar seus filhos em casa, o que foi interessante esclarecer que uma dessas famílias disse que a escola por si própria não consegue alfabetizar um aluno que tem muita dificuldade de aprendizagem, precisa do apoio por parte da família. Outras seis famílias disseram não ensinar seus filhos em casa, o motivo que mais predominou na falta de acompanhamento por parte da família, foi o analfabetismo dos pais, também a falta de tempo devido os mesmos trabalharem. Uma das seis famílias afirmou que não ensinam seus filhos em casa, porque é dever da escola e do professor alfabetizar o aluno.

A falta de participação das famílias na vida escolar do aluno, apontadas pelos professores entrevistados, é um fato, pois eu como educador, também sinto a ausência de algumas famílias na escola, e eu percebo que as famílias que acompanham seus filhos, esses

não tem tanta dificuldade no processo de aprendizagem, mas por outro lado às quais não acompanham, esses sentem sim muitas dificuldades.

A participação da família no ensino aprendizagem é fundamental, porque o ensino é algo contínuo e a criança aprende no seu dia a dia, na socialização na sociedade e principalmente na família, ou seja, em casa.

É fundamental entender também que o aprender é um processo contínuo e não cessa quando a criança está em casa. Quando a família passa a perceber sua devida importância nesse processo ela possibilita a promoção da verdadeira educação significativa do sujeito enquanto cidadão livre, autônomo e pensante. A família é o primeiro e principal contexto de socialização dos seres humanos, é um entorno constante na vida das pessoas; mesmo que ao longo do ciclo vital se cruze com outros contextos como a escola e o trabalho. (EVANGELISTA; GOMES, 2003, p.203).

Assim percebe-se a importância da família no processo de ensino aprendizagem de uma criança, devido às famílias serem o primeiro contato que a criança tem com o mundo, e o mais interessante é quando a família descobre que uma criança aprende no convívio entre os mesmos, e a partir daí dar suporte para essa criança se desenvolver ainda mais.

É crucial a interação entre família e escola, e para a relação entre as mesmas, necessita-se de uma série de elementos para que venha contribuir, primeiro deve-se incluir o ambiente, que precisa ser tranquilo, harmonioso, carinhoso, e cercado de afeto. É necessário que a escola trabalhe com cuidados pessoais, como a, proteção e, o principal, que é o diálogo. A família é responsável por transmitir uma boa relação e a segurança entre seus membros, para que se possa acontecer o processo de desenvolvimento da criança. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) em seu art.4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com propriedade absoluta, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Nesse sentido, o importante é quando a família e a escola aproveitam os benefícios da relação entre ambos, pois família e escola devem andar juntos, precisam se relacionar muito bem, pois tanto família como escola são importantes para a construção do conhecimento de um indivíduo. A escola não necessariamente precisa jogar a responsabilidade para a família, e os pais também não devem achar que a instituição é a principal responsável pela aprendizagem de uma criança, como vimos na referencia acima a aprendizagem de um indivíduo é uma união entre escola e família, pois tanto escola como família são espaços privilegiados para a construção do conhecimento de uma criança, por isso que é necessário que família e escola tenham uma boa relação.

3.6 - MÁ ALIMENTAÇÃO.

A dificuldade da má alimentação não aparece nos relatos de pais e alunos porque admitir que não se alimenta bem é um constrangimento, então a pesquisa que realizamos não está atenta apenas para o que é falado pelos interlocutores, mas também pelos silêncios, estes silêncios muitas vezes ocultam por diversos fatores problemas graves que são delicados, a má alimentação constatada pelos professores e também na minha observação participante é um fato.

Eu como professor há 07 (sete) anos, percebo que a má alimentação é um problema que interfere muito na aprendizagem de uma criança, pois na comunidade escolar ribeirinha em que eu trabalho me deparo com um número elevado de famílias carentes, e presenciei muitas vezes os alunos chegando à escola desanimados, sem vontades de estudar, e quando observava essa situação procurava conversar com aquele aluno, nessa conversa o discente não esclarecia que não tinha se alimentado, porque como foi explicitado acima falar da má alimentação é um constrangimento para a criança, eu podia constatar que o mesmo não tinha se alimentado adequadamente devido conhecer a realidade das famílias.

Para Sawaya (2006), a merenda pode até resolver a “fome do dia” de uma criança, pois a mesma com o estômago vazio não consegue ter a capacidade de atenção, a disposição de viabilizar a aprendizagem. Uma criança com fome realmente não consegue aprender, porque a mesma fica desanimada sem vontades de realizar as atividades.

Em relação à fome apresentadas por alguns alunos dentro de sala de aula, é importante destacar que nessas circunstâncias o professor aparece como um agente facilitador. Ao constatar como nessa pesquisa que a fome é um fator que dificulta a aprendizagem é preciso informar a escola para que tome as devidas providências, a partir dessa pesquisa apresentaremos para a administração e professores no sentido de podermos discutir e buscar caminhos para tentar resolver este problema, a sugestão é que haja um reforço na alimentação já na chegada dos estudantes, por isso essa pesquisa é importante, para poder evidenciar e constatar o que se apresenta como um problema velado, pois com fome nenhuma criança sente vontade de estudar, colocar efetivamente o problema para a comunidade escolar é fundamental na busca de resolvê-lo.

Pode-se dizer que de acordo com a especificidade de cada aluno, há uma série de dificuldades que vem atrapalhar o processo de alfabetização e letramento do mesmo, mais a má alimentação é de fato uma grande dificuldade no processo de alfabetização e letramento

de um indivíduo, por isso a comunidades escolar e o Estado precisa se comprometer a resolver este problema fundamental.

3.7- PERÍODO DE SAFRA DO AÇAÍ.

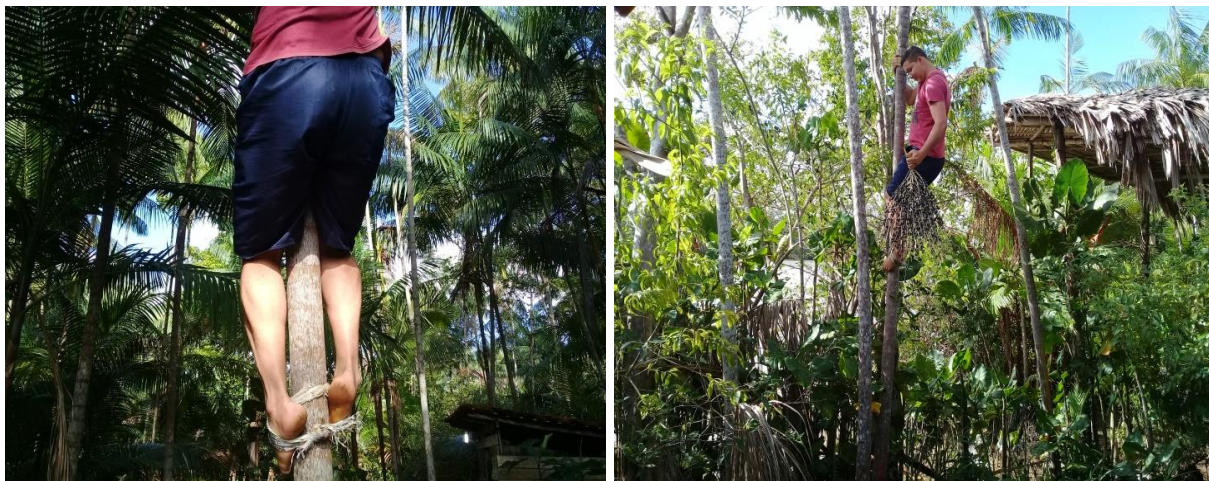
A ausência dos alunos no período da safra do açaí, não aparece nos relatos de pais e alunos porque há uma criminalização do chamado trabalho infantil, que às vezes não percebe que trata-se de um processo de socialização da própria família campesina, muitas vezes as crianças não realizam diretamente o trabalho da extração do açaí, mas apenas acompanham os pais e participam de outras formas, então a pesquisa que realizamos como já foi dito não está atenta apenas para o que é falado pelos interlocutores, mas também pelos silêncios, estes silêncios muitas vezes ocultam contextos importantes aos quais a escola e as práticas pedagógicas dos professores devem se adaptar, mas pelo temor de uma criminalização permanecem ocultas, o que prejudica o ensino aprendizagem dos estudantes.

Nas entrevistas realizada nas turmas de ensino fundamental (menor), 1º, 2º e 3º anos, registrou-se que 30% dos discentes ajudam as suas famílias, no período da safra do açaí. O cultivo do açaí acontece por safra no período de 5 (cinco) meses, de agosto à dezembro, em que as árvores chamadas açazeiros produzem os cachos de açaí, que ao ficarem de cor preta estão prontos para serem retirados e comercializados. Para a população ribeirinha pesquisada o cultivo do açaí é a principal fonte de renda, muitas famílias ribeirinhas dependem dessa atividade para sobreviver.

Para ocorrer à comercialização do açaí é necessário retirar o mesmo das árvores chamadas açazeiros, essa retirada é denominada na linguagem ribeirinha como “apanhar açaí”, essa atividade de “apanhar açaí” exige força física, pois os açazeiros em determinado locais são altos e é preciso que o “apanhador” suba, usando uma peconha que é um suporte feito de sacas ou da própria palha do açaí que é dobrado e colocado nos pés para que os apanhadores subam nas árvores, até chegar no cacho e ao chegar no mesmo retira-se o cacho de açaí, e assim o apanhador desce com o fruto seguro nas mãos, esse processo de subir e descer é realizado pelo apanhador várias vezes, até se completar a determinada quantidade de açaí, retirada naquele momento. Essa atividade é mais desenvolvida pelo gênero masculino. Quando se fala aos alunos da comunidade ribeirinha pesquisada sobre a extração do açaí, é algo que os mesmos conhecem muito bem, devido eles conviverem com essa realidade, por isso que não deve-se desprezar ou criminalizar esses alunos envolvidos nessa atividade, o importante é que a escola se adapte, e aproveite o conhecimento que os mesmos tem sobre o açaí e trabalhe de acordo com essa realidade campesina.

Essa é uma questão fundamental que esse estudo identificou, desvelou, ora se a realidade de quantidade expressiva dos discentes sentem dificuldades no período da safra do açaí a escola precisa discutir em seu currículo e calendário maneiras para lidar com esta situação, trazer elementos associados ao universo da extração do açaí para contribuir na própria alfabetização e letramento dos estudantes, o açaí apresenta-se como um excelente tema gerador no processo pedagógico, mais do que isso a escola precisa discutir maneiras de fazer com que esta realidade campesina não seja mais um obstáculo à aprendizagem dos estudantes, nesse sentido a escola deve se adaptar a esta realidade.

Foto 3- extração do açaí.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Assim pode-se constatar que uma das dificuldades de alfabetização enfrentadas pelos discentes da escola Dom Ângelo Frosi, está ligada na execução da atividade do cultivo do açaí, devido ser uma atividade que exige esforço físico, e geralmente os alunos que praticam essas atividades faltam muito as aulas nesse período de 5 (cinco) meses que é a safra do açaí, ou quando vão para a escola nesse período, os mesmos chegam muito cansados sem vontade devido executarem uma atividade que traz desgastes físicos. É nesse sentido que a escola e o professor precisa saber articular sua prática pedagógica de acordo com a realidade cotidiana do aluno. O fato é que a participação da criança no processo de extração do açaí contribui para a socialização com a família, e é uma realidade campesina, portanto se faz necessário que a escola e a metodologia dos professores se adaptem a esta realidade, tanto na produção de materiais didáticos e ou práticas pedagógicas que incluam esse contexto da relação com a produção de açaí como possam trabalhar o tempo escola e o tempo trabalho.

A safra do açaí é um fator que contribui para a dificuldade de alguns alunos, e é um fato, que foi citado pelos docentes envolvidos na pesquisa, e eu como professor posso também

esclarecer que esse período de safra do açaí é um agente contribuidor para o fracasso de alguns alunos que são envolvidos nessa atividade, pois nesse período de safra sinto a ausência de alguns alunos, e normalmente esses discentes que faltam nas aulas durante a safra do açaí, são os que tem mais dificuldades relacionadas a alfabetização, então a escola precisa considerar esta peculiaridade dos camponeses, ao invés de ignorar.

O trabalho de alguns alunos na extração do açaí direta ou indiretamente, porque vale ressaltar que muitos não exercem diretamente essa atividade, mas ajudam com pequenos serviços da extração, e essa socialização das famílias da questão trabalho é um fato que não pode ser julgado pela escola, pois trata-se de um meio de sobrevivência e de socialização entre ambos, o que se faz necessário é que a instituição se adapte criando metodologias que não desvalorize a interação entre a socialização das famílias. Discutindo a questão do trabalho Hage (2005, pag. 147), diz que:

O trabalho nas comunidades envolve pais e filhos. Por isso, ajudar os pais no trabalho se torna uma questão crucial para toda a família, pois visa o aumento do cultivo, das capturas e das coletas dos alimentos. Quando participam do trabalho aprendem os processos de realização do trabalho com a natureza até assumirem as funções que antes eram realizadas por seus pais. Entretanto, ao participarem desse trabalho comunitário, pais, crianças e adolescentes privilegiam o processo de produção em detrimento do processo de escolarização, nesse caso, o trabalho no campo vem perdendo o seu caráter humano de subsistência e constitui-se no alçômetro do processo de escolarização.

Assim o trabalho na localidade pesquisada envolve pais e filhos e é um fato que não pode ser desconsiderado, porque se trata de uma socialização das famílias e também de um meio de sobrevivência dos mesmos.

Assim a sala de aula torna-se um espaço privilegiado para a construção do conhecimento, onde o professor assume um papel de extrema importância, que é de ser construtor de conhecimentos junto com seus discentes, e o docente necessariamente necessita ser observador diante das dificuldades apresentadas pelos seus alunos, e ao observar essas dificuldades o mesmo precisa trabalhar para saná-las. Para alfabetizar uma criança não basta apenas incentivá-la, é necessário que o professor utilize uma série de práticas pedagógicas que venham trabalhar de fato com esses processos de alfabetização e letramento do indivíduo de acordo com a realidade de cada um. Incluir a questão do açaí que faz parte da realidade de grande parte dos estudantes, pois mesmo os que não participam diretamente da produção conhecem o açaí, o que se faz de extrema importância é trabalhar com o contexto do açaí no espaço escolar. Então a escola deveria trabalhar com a pedagogia da alternância, que é um método de estudo em que é muito valorizado o trabalho rural dos camponeses, a alternância

faz a junção dos conhecimentos agrícolas dos alunos com os conhecimentos adquiridos na escola, ou seja, a instituição trabalha de acordo com a realidade do aluno.

Criar uma escola que não mantenha os adolescentes presos entre quatro paredes, mas que lhes permitam aprender através dos ensinamentos da escola, com certeza, mas também através daqueles da vida cotidiana, graças a uma alternância de períodos entre o ambiente familiar e o centro escolar. Tratava-se então de criar uma escola da terra, pelas pessoas da terra e para as pessoas da terra (GIMONET, 2007, p.22).

Assim a pedagogia da alternância pode ser entendida por dois conceitos fundamentais, o primeiro é a organização do tempo escola, que tem por objetivo alternar o tempo na escola e também de formação na família, o segundo é o uso de uma ferramenta pedagógica em que se faz a integração dos saberes dos alunos com os saberes de suas realidades. Para Jesus (2011, pág. 09).

A alternância é o período alternado de vivência e estudo na Escola, na Família e Comunidade. Nesse sentido a alternância passa a exercer uma função metodológica e pedagógica no processo formativo dos educandos. As Escolas Família Agrícola (EFAs) têm a preocupação de fazer com que a alternância se dê na própria família e no espaço rural. Para que a formação dos jovens e adolescentes do campo aconteça, utiliza-se de espaços e tempos diferentes divididos entre o meio sócio profissional (família, comunidade e trabalho) e no espaço escolar em regime de internato, com ênfase na formação integral do aluno e no desenvolvimento local.

Nesse sentido a pedagogia da alternância aparece como articulação dos saberes do campo aos saberes escolares, o importante é que a alternância valoriza a relação trabalho com a família e o tempo escola. Outro conceito de pedagogia da alternância é dado por Araújo (2007, p.63):

Em relação à Pedagogia da Alternância, ficou evidenciada a valorização que lhe é atribuída, pois ela permite aos jovens que moram no campo combinar a formação escolar com as atividades desenvolvidas na propriedade familiar, sem se desligarem da família e da cultura do campo. A alternância entre o meio escolar assegura ao estudante a formação teórica e prática, o fazer e o pensar, ação-reflexão-ação.

Nesse sentido a alternância concede ao aluno maior conhecimento e valorização do seu modo de vida, e da sua realidade cultural, ampliando seus conhecimentos e lhe tornando um ser crítico. O espaço importante para a reflexão teóricas dos alunos é a escola, e outro espaço importante para o aluno é o tempo de permanência com a família e a comunidade, assim a união tempo escola e tempo família é o momento em que se confronta a teoria com a prática. Segundo Queiroz (2004, p.101):

A partir das lógicas contraditórias, a alternância fará a interface entre a escola e o trabalho, com uma dupla função: “uma função econômica” com a finalidade da “inserção” e do “emprego”, e “uma função pedagógica de qualificação”, com a finalidade da “formação e qualificação”. Daí a importância da Escola da Alternância que vai realizar “uma integração completa destas funções num sistema de interface entre a escola e o trabalho”, com quatro dimensões importantes: institucional, pedagógica, didática e pessoal. (grifos do autor)

A pedagogia da alternância se apresenta com um único objetivo que é a de uma educação em tempo integral e também envolver as famílias na educação dos filhos. A alternância não visa à desvalorização ou criminalização do jovem ou adolescente camponês, ao contrário a mesma valoriza os saberes dos alunos do campo e traz em si própria uma metodologia que venha valorizar e articular esses saberes. Trabalhar com a alternância é trabalhar com a realidade cotidiana e cultural do aluno do campo.

Assim o importante é que a escola pesquisada se adapte ao contexto que faz parte da vida dos alunos camponeses, e trabalhe com essa realidade, não a desvalorize ou criminalize, mas dê suporte para esses conhecimentos que os alunos têm em relação à produção do açaí, se torne um meio de aprendizagem tanto teórico como prático. Aqui sugerimos utilizar a pedagogia da alternância para pensar em uma maneira de realmente considerar e trabalhar com a questão da safra do açaí e de como este período se relaciona com o processo de aprendizagem dos estudantes, ao invés de visibilizar esta questão da vida camponesa do universo desta escola devemos procurar caminhos para incluir esta especificidade nos processos pedagógicos, currículo, e calendário da escola, a pedagogia da alternância é uma referência para pensar possibilidades para a escola lidar com esta situação que foi identificada por esta pesquisa como uma grande dificuldade para a aprendizagem dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho contribuiu muito para minha formação profissional e também para a compreensão das dificuldades de alfabetização e letramento enfrentadas pelos alunos da escola Dom Ângelo Frosi.

Estudar cientificamente as dificuldades da escola Dom Ângelo Frosi, foi algo que eu sempre quis, pois como professor da referida escola sempre tive a curiosidade de esclarecer quais as dificuldades que os discentes estão enfrentando no ato de se alfabetizar, devido os mesmos chegarem ao 4º ano do ensino fundamental e não estarem devidamente alfabetizados.

O desenvolvimento do estudo foi resultado de uma observação de um número elevados de alunos chegando ao 4º ano sem ainda terem adquiridas as habilidades do ler e escrever. A alfabetização de um aluno deve se iniciar na educação infantil, e no 1º e 2º anos iniciais do ensino fundamental, observando essa dificuldade surgiu esse estudo propriamente dito.

A alfabetização é algo crucial na vida de um individuo, e a mesma ocorre através de processos que para alguns alunos são fáceis e para outros difíceis, mais difícil ainda quando se tem dificuldades que atrapalham esse processo. Assim o estudo objetivou esclarecer quais as dificuldades enfrentadas pelos alunos da escola acima citada no processo de alfabetização e letramento, pode-se constatar que as dificuldades que o estudo esclareceu foram; a ausência do acompanhamento das famílias na vida escolar do aluno, a má alimentação como uma dificuldade que atrapalha o desenvolvimento da aprendizagem, e o período da safra do açaí, em que os alunos não frequentam ativamente a escola, devido os mesmos ajudarem seus pais na coleta desse produto.

Acredita-se que a escola e o professor necessitam criar metodologias adequadas a realidade dos alunos pesquisados, e escola necessita se adaptar a realidade dos alunos camponeses e não os criminalizar pois faz-se necessário com que a instituição saiba trabalhar os diversos contextos.

O estudo foi de extrema importância para a escola ribeirinha, pois não só detectou as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos, como também contribuirá com a escola e os professores, com pesquisas de novas metodologias e práticas pedagógicas condizentes com a realidade dos alunos ribeirinhos com que venha sanar essas dificuldades enfrentadas pelos camponeses.

Nosso próximo objetivo é construir um material escrito com a síntese desta pesquisa para que possa ser oferecido a escola e a Secretaria municipal para iniciar o debate de como

poderemos superar coletivamente estas dificuldades identificadas no sentido de contribuir para o processo de aprendizagem dos discentes.

REFERÊNCIAS

_____. Estatuto da criança e do adolescente - ECA. Lei Federal nº (8069), de 13 de Julho de 1990.

_____. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: artes Médicas, 1989.

_____. **Reflexões sobre Alfabetização**. Rio de Janeiro: Polêmicas, 1981.

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães. A Alternância na formação do jovem do campo: o caso da escola Família Agrícola de Angical (BA). In. Educação na Alternância: cidadania, e inclusão Social no Meio Rural Brasileiro. (orgs). Oliveira, ADÃO, Francisco de. e NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. – Goiânia: Ed. Da UCG, 2007. 162 p.

BARROS, Paulo Cesar de. **A prática pedagógica do professor de educação física e a inserção do lúdico como um meio de aprendizagem**. 2006. 127 folhas. Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade do Paraná. Curitiba 2006.

BRASIL. Casa civil. **Decreto nº 7352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o programa nacional de educação na reforma agrária-pronera**. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/-ato2007-2010/decreto/d7352.htm>>.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o Ba, Be, Bi, Bo, Bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** / Antônio Chizzoti. – Petrópolis, RJ: vozes, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez 2001- (biblioteca da educação. Serie 1. Escola: v. 16).

Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará / Salomão Mufarrej Hage (Org.). - Belém: Grafica e Editora Gutenberg Ltda, 2005.

EVANGELHISTA, F; GOMES, P. de T. (org.). **Educação para o pensar**. Campinas:Alínes, 2003.

FERNANDES, Cleoni. **À procura da senha da vida-de-senha a aula dialógica?** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.) *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas: Papirus, 2008. P. 145-165.

FERREIRO, Emília. **Processos de Alfabetização**. Rio de Janeiro: Polêmicas, 1989.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 10^o ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia; saberes necessários à prática educativa.**/ Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR, 2007.

JESUS, José Novais. **A pedagogia da alternância e o debate da educação no/do campo no estado de Goiás**¹, revista nera – ano 14 n^o. 18 – janeiro/junho de 2011.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005-2010.

KLEIMAN, Ângela B. (org.), **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995. _____.

PÁDUA, Ivone. **Pedagogia do Afeto: a pedagogia filosófica na sala de aula** Editora Wak, Rio de Janeiro – 2010.

QUEIROZ, João Batista P. de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: Ensino Médio e Educação Profissional**. Brasília, Departamento de Sociologia, 2004. 210p. Tese de Doutorado.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 4.

SAWAYA, S. M. **Desnutrição e baixo rendimento escolar: contribuições críticas**. Estudos avançados, São Paulo, v. 20, n. 58, 2006.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n.25, jan.-abr./2004.

SOARES, M. **Letramento e escolarização**. In cadernos de formação-Alfabetização. São Paulo: UNESP, p. 79-98, 2003b.

SOARES, M. **Letramento: tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda Becker. “**As pesquisas nas áreas específicas influenciando o curso de formação de professores**”. Caderno da Anped, n. 5, 1993. Pp. 103-118.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.